

2

Análise exegética de Gálatas 3,1-5

Após analisar a história da interpretação do verso primeiro de Gálatas 3, no capítulo precedente, e as parciais inferências e/ou percepções advindas desse percurso histórico, convém, agora, deter-se em uma análise mais detalhada do objeto desse estudo, qual seja, a carta de Paulo aos Gálatas. Mais especificamente, a perícopes em que esse verso primeiro se insere e, posteriormente, no próximo capítulo, o estudo do verbo βασκαίνω em seu contexto originário.

O objetivo central dessa seção do texto, portanto, passa a ser identificar em qual perícopes que está inserido o verso, que papel desempenha na argumentação geral do texto e que implicações retóricas a perícopes em questão assume na construção da argumentação paulina. Para tanto, via método exegético⁹³, buscar-

⁹³ Egger apresenta, pelo menos, quatro aspectos para leitura ou postura científica diante da exegese bíblica: (i) sob o aspecto sincrônico; (ii) sob o aspecto diacrônico; (iii) sob o aspecto histórico; e, também, (iv) sob o aspecto hermenêutico. (EGGER, 1994). Wegner, por sua vez, identifica, pelo menos, três referenciais metodológicos: (i) método fundamentalista; (ii) método estruturalista; e, (iii) método histórico-crítico; além disso, identifica cinco aspectos para leitura de um texto bíblico: (i) confessional; (ii) histórico-crítico; (iii) estruturalista; (iv) fundamentalista; e, (v) leitura popular da Bíblia. Cada uma dessas posturas, com seus métodos e procedimentos próprios para análise de textos. Dessas leituras, porém, a sincrônica (estruturalista) e a diacrônica (histórico-crítica) divergem quanto ao objeto de estudo, ou seja, o texto. Enquanto que, do ponto de vista sincrônico, “o texto é analisado como uma grandeza estruturada e coerente integrada num processo mais amplo de comunicação” (EGGER, 1994. p.71), do ponto de vista diacrônico, “os textos (...) são o resultado de um prolongado processo de reelaboração e transmissão oral e escrita” (EGGER, 1994. p.156). Assim, sob o ponto de vista sincrônico, que toma o texto como peça acabada e única, o que se quer é perceber como se articulam os elementos desse texto. Seu objetivo é resgatar, *a partir do que está escrito*, quem são os leitores, sobre que tema trata, em que época e onde se dá a interlocução, qual o objetivo desse texto, o que havia de comum na linguagem entre autor e receptor e, por fim, qual a intenção (atual, não no momento em que aconteceu) desse texto. Muito embora esse método de análise estruturalista “clássico” tenha muita relevância do ponto de vista científico, aqui não se adotará essa leitura, pois se acredita, aqui, ser possível resgatar o sentido original do texto, bem como o contexto originário do mesmo. Por isso, sob o ponto de vista diacrônico, a partir de uma exegese histórico-crítica, é que se pretende (re) construir o discurso original do texto e que intenção o autor do mesmo tinha ao produzi-lo, objetivo esse visto como impossível para a leitura estruturalista. Essa opção metodológica se justifica à medida que “os textos neotestamentários são o resultado de um processo de reelaboração e transmissão oral e escrita que se prolongou no tempo” (EGGER, 1994. p.37). Dessa maneira, textos refletem situações singulares, irrepetíveis, mas conservam em si mesmos, os vestígios de sua origem, “para o exegeta, tais observações sobre o texto constituem indícios que lhe permitem percorrer novamente as etapas da formação do texto” (EGGER, 1994. p.41). Não convém ainda, aqui, proceder a uma análise estanque e fragmentada do texto sob o rigor da diacronia. A observação precedente quanto a preferência do método histórico-crítico ao estruturalista situa-se no nível dos pressupostos de acesso ao texto, porém na operacionalização do método, alguns aspectos da sincronia do texto (aspectos formais, relações dos termos dentro do texto, etc) serão úteis à análise histórico-crítica, portanto, diacrônica.

se-á uma análise detalhada do texto e as discussões pertinentes em torno desse intento.

A seguir, as diversas seções desse capítulo, seguirão passos exegéticos oriundos da metodologia adotada para esse texto. Convém notar que a segmentação⁹⁴ desse capítulo, meramente didática, visa elencar e analisar cada aspecto do método usado permitindo uma posterior articulação entre eles para o entendimento global da perícopes.

2.1.

Segmentação e tradução

Antes de se enunciar qualquer interpretação geral ou específica para o texto paulino de Gálatas, no particular, e de todo texto bíblico, no geral, convém adotar modelos heurísticos que permitam um acesso ao conteúdo de tais escritos. Para isso, sem querer render muitos louvores ao método cartesiano, constitutivo da

⁹⁴ Sobre a terminologia das etapas do método histórico-crítico não há muita convergência, entre os estudiosos e exegetas do Novo Testamento (embora as etapas sejam as mesmas). Não se quer, aqui, resolver o problema do emprego das terminologias, mas apenas, explicitar que termos serão usados (a função de cada etapa segue enunciada a cada passo executado). Opta-se, portanto aqui, pelas seguintes etapas: (a) segmentação e tradução (dividir o texto em partes menores, portanto simplificadas, quanto possível e traduzir do ponto de vista literal); (b) crítica textual (estabelecer a perícopes sobre a qual se trabalhará a partir de documentos disponíveis sobre Gálatas 3,1-5); (c) crítica da constituição do texto (determinar a unidade da perícopes, tendo em vista seu contexto anterior e posterior dentro da carta aos Gálatas, bem como estruturar o texto no seu nível argumentativo); (d) crítica da forma (perceber elementos mais detalhados, do ponto de vista formal, determinar o gênero literário, seu “lugar de vida” – *sitz im leben* e, por fim, perceber a intencionalidade da perícopes); (e) crítica da redação e da composição (perceber quem são os interlocutores do autor, bem como seu tempo e espaço e a motivação para tal); (f) comentários (elencar elementos adicionais sobre a perícopes e suas palavras e expressões que, porventura, não tenham sido contemplados nos passos exegéticos – função complementar). Outros dois passos anteriores aos comentários na exegese são a crítica da transmissão do texto e a crítica da tradição, porém os manuais são enfáticos em supor que tais passos são quase dispensáveis quando se trata de textos epistolares paulinos autênticos. Os argumentos apresentados para tal supressão são: (i) textos autênticos de Paulo, como o caso de Gálatas, não sofreram processo de formação gradativo que abrangeram fases orais; (ii) a historicidade desses textos autênticos de Paulo são fidedignos, pois não sofreram longos processos de redação e suas informações históricas imprecisas os desqualificariam desde sua emissão. (WEGNER, 1998). Além desses fortes argumentos, este texto ainda acrescenta o fato que essas etapas, para a perícopes estudada, de fato, são possíveis de se suprimir, essa postura se tornará clara quando os passos exegéticos forem levados a cabo. Outra etapa exegética que deveria ser considerada seria a histórico-traditiva, que se ocupa em perceber a origem e evolução de determinados conceitos, idéias, símbolos ou temas dentro do texto. Como passo exegético não será abordado por conta da possível fuga do escopo desse trabalho e também porque a forma como este foi organizado, o eixo central de análise conceitual está em torno do verbo grego *βασκαίνω*, sendo assim, o terceiro capítulo se ocupará extensamente desse propósito. Os demais autores (SMITMANS, 1974 e EGGER, 1991), a partir de seus pressupostos, nomeiam as etapas diferentemente àquela proposta por Wegner. Muito embora se tenha optado por seguir os passos metodológicos de Wegner, os outros dois textos também serão usados no diálogo metodológico ao longo da execução do método histórico-crítico.

modernidade, que redundou em uma complexa estratificação do saber científico e conseqüente olhar por demais estanque dos aspectos sócio-humanos, é mister recorrer a uma divisão do texto em mínimas unidades de significado possíveis.

É sabido que um texto revela seu significado específico quando em diálogo com sua retórica global, assim, “seria sempre pertinente analisar todo o texto neotestamentário em sua íntegra” (EGGER, 1994. p.53), porém abre-se mão aqui da idéia de um *corpus* neotestamentário “fechado”, unívoco. Entende-se aqui que o texto que compõe, hoje, o Novo Testamento no geral e Gálatas, no particular, é resultado de inúmeros processos históricos (produção do cânon em 325 e.c. por Nicéia⁹⁵, por exemplo) e corresponde a muitas harmonizações de experiências particulares dos diversos cristianismos originários na bacia mediterrânica, que não correspondem, necessariamente, a um só texto e a uma só experiência cristã antiga.

A perícopes de Gálatas 3,1:

⁹⁵ Muito embora se assuma aqui o evento de Nicéia como determinante para o fechamento do cânon bíblico tal qual se entende hoje, não foi Nicéia o evento precursor para tal elaboração. Diversas tentativas (Papias, 130 e.c., Marcião, 145 e.c., Dionísio de Alexandria, 164 e.c., Tatiano, 170 e.c., Cânone muratoriano, 180 e.c., Irineu, 190 e.c., Clemente de Alexandria, 215 e.c., Tertuliano 220 e.c., Orígenes, 185 a 254 e.c., Eusébio de Cesaréia, 270 e.c., dentre outros) ao longo da história foram conformando o formato que o texto cristão tomou. Esses processos de reelaborações foram considerando diversas etapas ao longo dos tempos para determinar os escritos mais aceitos e usados pelas comunidades cristãs. O fundamental a se destacar aqui são dois aspectos: (a) nenhum texto nasce canônico, só se torna ao longo do tempo de sua recepção, bem como (b) somente depois do III/IV século é que se começa a observar experiências cristãs na bacia do Mediterrâneo onde as comunidades tinham posse do cânon definido tal qual se conhece hoje. Isso implica dizer que a experiência cristã pré-nicena se deu de forma muito mais plural do que pretendem alguns analistas e exegetas modernos ao projetarem suas análises de um cristianismo singular para os primeiros séculos como reflexo da experiência cristã que se tem atualmente. Para uma discussão completa e aprofundada do tema, bem como as fontes de referência para o comentário acima, ver: KOESTER, 2005. p. 1-81; KÜMMEL, 1982. p. 627-712.

Tradução Literal ⁹⁶	Segmento	Texto Grego (UBS, 2001)
Oh, estúpidos Gálatas!	1a	ὦ ἀνόητοι Γαλάται,
Quem vos enfeitiçou,	1b	τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν,
diante de cujos olhos	1c	οἷς κατ' ὀφθαλμούς
Jesus Cristo foi retratado publicamente	1d	Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη
pregado na cruz?	1e	ἐσταυρωμένος;
Isso somente quero	2a	τοῦτο μόνον θέλω
aprender de vocês:	2b	μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν·
como resultado de práticas da norma,	2c	ἐξ ἔργων νόμου
o espírito alcançais,	2d	τὸ πνεῦμα ἐλάβετε
ou como resultado de ouvir da fé?	2e	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
Então estúpidos sois	3a	οὕτως ἀνόητοί ἐστε,
começando com espírito,	3b	ἐναρξάμενοι πνεύματι
agora, com carne acabais?	3c	νῦν σαρκὶ ἐπιτελεῖσθε;
Em vão experimentais tantas coisas?	4a	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ;
Se, na verdade, em vão.	4b	εἰ γὰρ καὶ εἰκῇ.
Aquele, portanto, que vos provê o espírito	5a	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα
e pratica poder entre vós,	5b	καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν,
vem da prática da norma	5c	ἐξ ἔργων νόμου
ou vem de ouvir da fé?	5d	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;

Tabela 1: Segmentação e Tradução de Gálatas 3,1-5

Em princípio, essa é a tradução literal aqui considerada como a mais próxima do texto original grego, mais adiante, comentários mais detalhados serão expostos sobre as opções de tradução. Agora, passa-se a observar, as traduções dessa perícopa em língua portuguesa⁹⁷ e, a seguir, comentários analíticos sobre a mesma comparação. O objetivo desse quadro comparativo será o de identificar a natureza dessas traduções segundo os seguintes critérios:

“(i) se há omissão de termos ou expressões do original grego; (ii) se há acréscimos de termos ou expressões do original grego; (iii) se há modificação ou substituição de termos ou expressões do original grego”. (WEGNER, 1998. p.33).

⁹⁶ Tradução literal seguindo os princípios de equivalência formal e dinâmica (WEGNER, 1998. p.28-33).

⁹⁷ As versões escolhidas para comparação serão (obedecendo os seguintes critérios): BJ, 2002 (versão autorizada pela Igreja Católica); ARA, 1993 (versão autorizada pela maioria das igrejas protestantes); NTI, 2003 (versão interlinear do Novo Testamento disponível em português); NTLH, 2000 (versão que parafraseia a tradução para o português baseada na versão de João Ferreira de Almeida).

v.	Versão	Texto
1	UBS	Ὡ ἀνόητοι Γαλάται, τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν, οἷς κατ' ὀφθαλμοὺς Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη ἐσταυρωμένος ;
	Literal	Oh, estúpidos Gálatas! Quem vos enfeitiçou, diante de cujos olhos Jesus Cristo foi retratado publicamente pregado na cruz ?
	BJ	Ὁ Γάλατας insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado ?
	ARA	Ὁ γάλατας insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado ?
	NTI	Ὁ sem siso gálatas quem vos enfeitiçou, aos quais segundo olhos Jesus Cristo foi grafado diante tendo sido crucificado ?
	NTLH	Ὁ γάλατας sem juízo! Quem foi que enfeitiçou vocês? Na minha pregação a vocês eu fiz uma descrição perfeita da morte de Jesus Cristo na cruz ; por assim dizer, vocês viram Jesus na cruz .
v.	Versão	Texto
2	UBS	τοῦτο μόνον θέλω μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν· ἐξ ἔργων νόμου τὸ πνεῦμα ἐλάβετε ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
	Literal	Isso somente quero aprender de vocês: como resultado de práticas da norma, o espírito alcançais, ou como resultado de ouvir da fé ?
	BJ	Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela adesão à fé ?
	ARA	Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé ?
	NTI	Isto unicamente desejo aprender de vós: de obras de Lei o Espírito recebestes ou de ouvida da fé ?
	NTLH	Respondam somente isto: vocês receberam o Espírito de Deus por terem feito o que a lei manda ou por terem ouvido a mensagem do evangelho e terem crido nela ?
v.	Versão	Texto
3	UBS	οὕτως ἀνόητοί ἐστε, ἐναρξάμενοι πνεύματι νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;
	Literal	Então estúpidos sois começando com espírito, agora, com carne acabais ?
	BJ	Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, agora acabais na carne ?

	ARA	Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?
	NTI	Assim sem siso sois? Tendo começado em por Espírito agora por carne terminais sobre?
	NTLH	Como é que vocês podem ter tão pouco juízo? Vocês começaram a sua vida cristã pelo poder do Espírito de Deus e agora querem ir até o fim pelas suas próprias forças?
v.	Versão	Texto
	UBS	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ; εἴ γε καὶ εἰκῇ.
	Literal	Em vão experimentais tantas coisas? Se, na verdade, em vão.
4	BJ	Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se é que foi em vão!
	ARA	Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se, na verdade, foram em vão.
	NTI	Tantas haveis sofrido em vão? Se, certamente, também em vão.
	NTLH	Será que as coisas pelas quais vocês passaram não serviram para nada? Não é possível!
v.	Versão	Texto
	UBS	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν, ἐξ ἔργων νόμου ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
5	Literal	Aquele, portanto, que vos provê o espírito e pratica poder entre vós, vem da prática da norma ou vem de ouvir da fé?
	BJ	Aquele que vos concede o Espírito e opera milagres entre vós o faz pelas obras da Lei ou pela adesão à fé?
	ARA	Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?
	NTI	O, portanto, que vos supre o Espírito e Que opera em poderes entre vós de obras de Lei ou de ouvida de fé?
	NTLH	Será que, quando Deus dá o seu Espírito e faz milagres entre vocês, é porque vocês fazem o que a lei manda? Não será que é porque vocês ouvem a mensagem e crêem nela?

Tabela 2: Comparação entre traduções bíblicas para a perícopo de Gálatas 3,1-5

A partir do quadro exposto e do texto grego como referencial, além dos critérios de avaliação acima mencionados para comparar as traduções (WEGNER, 1998), é possível estabelecer alguns comentários acerca das traduções listadas:

V.	Seg.	Avaliação
1	a	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões. Apenas varia ἀνόητοι mas o sentido original é preservado.
	b	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões. O termo ἐβάσκανεν que recebe diferentes conotações ⁹⁸ : fascínio (BJ, ARA) ou feitiço (NTI, NTLH).
	c	A NTLH entende οἷς κατ' ὀφθαλμοὺς como “você viram” e acrescenta, a fim de ordenar o texto, “por assim dizer”.
	d	Nesse segmento há a maior variação quanto ao sentido de προεγράφη. BJ traz “desenhada a imagem” como uma boa idéia do termo original. ARA falha em iluminar o sentido original do termo. NTI opta por “grafado”, até traz o sentido original, mas de maneira pobre. NTLH opta por “descrição perfeita” e acrescenta “na minha pregação”, deixando de ser tradução e passando a interpretação.
	e	O verbo ἐσταυρωμένος não é captado por nenhuma versão. A omissão da ênfase na crucificação limita a compreensão do segmento. A BJ insere uma nota explicativa remetendo o leitor a outros textos de Paulo denotando uma indução doutrinária na interpretação.
2	a	A NTI suaviza o verbo θέλω traduzindo-o por “desejo”, essa aceção do verbo não traduz sua ênfase. NTHL omite o termo.
	b	BJ e ARA traduzem o verbo μαθεῖν como “saber”, quando o sentido literal indica “aprender”. NTLH substitui por “respondam”.
	c	O termo νόμου é traduzido pela BJ e NTI como “Lei”, indicando referência de Paulo a Torah, evidenciando assim, uma interpretação do texto. A ARA e NTHL traduzem o termo com letra minúscula, preservando o sentido do termo original.

⁹⁸ Sobre esse tema o primeiro capítulo já discorreu extensamente e, posteriormente, o terceiro capítulo situará seu contexto originário.

	d	Todas as versões traduzem o verbo ἐλάβετε por “receber” ⁹⁹ . O substantivo πνεῦμα tem letra maiúscula em todas as versões, o que parece indicar alusão à grandeza teológica “Espírito Santo”.
	e	O termo ἀκοῆς é entendida como: “aderir” (BJ), “pregação” (ARA), “ouvir” (NTI e NTLH). O sentido original é “ouvir”, BJ e ARA interpretam o sentido, enquanto que a NTHL acrescenta “mensagem do evangelho”.
3	a	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões.
	b	O termo πνεύματι é entendido pela BJ como “espírito” com letra minúscula, indo de encontro à sua tradução de 2d, enquanto que as demais mantêm a letra maiúscula do mesmo segmento. A NTHL acrescenta “vida cristã pelo poder do Espírito de Deus”.
	c	A ARA substitui o sentido de τελείσθε por “aperfeiçoando”, o que não corresponde ao sentido original. E a NTHL entende σαρκὶ como “suas próprias forças”, mudando também o sentido original.
4	a	A BJ traduz ἐπάθετε (aoristo) no perfeito, ARA traduz também no perfeito, mas ao invés de “experimentar”, opta pelo verbo “sofrer”. Também a NTI entende o verbo como “sofrer”. A NTHL omite τοσαῦτα.
	b	A NTHL acrescenta ao texto original “não é possível!” no lugar da expressão εἴ γε καὶ εἰκῇ.
5	a	A BJ não traduz a partícula enfática οὖν. Além de traduzir o termo ἐπιχορηγῶν como “conceder”, tal como a ARA. A NTHL, por sua vez, traduz o termo como “dar o seu...” e acrescenta “deus” no texto original.
	b	A BJ, ARA e NTHL entendem δυνάμεις como “milagres”.
	c	Para o termo νόμου a BJ e NTI traduzem como “Lei”, já a ARA e a NTHL como “lei”. A ARA acrescenta o conectivo “porventura”, não

⁹⁹ Parece tratar-se, aqui, de um típico caso de leitura doutrinária do texto, pois, conforme será explorado mais adiante, o verbo aqui, em seu contexto, parece indicar o sentido de “alcançar”, ou seja, algo deve ser feito para que seja dada alguma coisa. O sentido que as versões imprimem ao verbo aqui querem indicar que há somente a recepção simples.

	presente no texto original. E a NTHL acrescenta ao texto original “porque vocês fazem”.
d	A BJ entende ἀκοῆς como “adesão”, a ARA como “pregação” e a NTHL como “ouvir a mensagem”. A NTHL, ainda, entende πίστewς como “crer” na mensagem.

Tabela 3: Avaliação entre traduções bíblicas para a perícopé de Gálatas 3,1-5

Como conclusão, percebe-se que, para Gálatas 3,1-5, as versões caracterizam-se por:

BJ: do ponto de vista da omissão de termos presentes no texto grego, somente em 5a a partícula enfática não é traduzida. Essa pequena omissão altera pouco o andamento do texto, mas suaviza a argumentação do texto em prol de uma posterior enunciação doutrinária no texto. Não há qualquer acréscimo de termos na tradução que não estejam presentes no texto grego, apenas em 1e uma nota explicativa à tradução parece induzir a interpretação da perícopé em termos de outro texto paulino (indicação doutrinária). Porém, as substituições e/ou modificações que emprega em alguns termos foge um pouco da competência da tradução, tornando-se assim uma interpretação, como em: 1b (“feitiço” por “fascínio”, suavização do termo original), 2b (“saber”, por “aprender”, “saber” implica interação, enquanto que “aprender”, demanda uma ação única daquele a quem é interpelado), 2e e 5d (“aderir” por “ouvir”, o que constitui uma modificação em relação ao texto original, pois o que o texto quer indicar é o simples fato de “ouvir”, “aderir” implica em um passo ulterior). O que constitui maior problema na tradução dessa versão é a tradução de νόμος por “Lei” em 2c e 5c, essa tradução já quer indicar uma leitura referente à Torah, identificando como opositores de Paulo todo e qualquer aderente ao judaísmo. Essa interpretação foge à competência da tradução, pois agrega ao texto original uma informação a mais. De semelhante forma, o termo πνεύμα é traduzido em 3b por “espírito” indicando um aspecto corriqueiro ao termo, porém em 2d e 5a o mesmo termo é entendido como “Espírito”, o que alude à entidade “Espírito Santo”, conferindo assim, também, um sentido interpretativo para além do texto original. Há, também, em 5b, a tradução de δυνάμεις por “milagres”, interpretando o sentido do termo original. Essa tradução pode ser avaliada como uma boa tradução, excetuando-se

os poucos casos em que parece indicar uma interpretação doutrinária durante a tradução do texto.

ARA: não há qualquer alteração significativa, do ponto de vista da omissão de termos presentes no texto grego. Tão pouco, há qualquer acréscimo de termos na tradução que não estejam presentes no texto grego. Porém, as substituições e/ou modificações que emprega em alguns termos foge um pouco da competência da tradução, tornando-se assim uma interpretação, como em: 1b (“feitiço” por “fascinar”, o que suaviza o sentido original do termo); 1d (“exposto” no lugar de “retratado publicamente”, deixa a desejar na ênfase dada pelo verbo grego); 2b (tal como a BJ, a substituição de “saber” por “aprender” traz problemas à compreensão, pois “saber” implica interação, enquanto que “aprender”, demanda uma ação única daquele a quem é interpelado); 2e e 5d (“ouvir” por “pregação” é uma interpretação na tradução, mesmo que quem ouça, escute alguma coisa, mas o texto original não diz o que se ouve); 3c (“aperfeiçoar” no lugar de “acabar, terminar” difere muito do sentido original grego); 4a (traduzir “experimental” por “sofrer” implica em uma leitura muito mais ampla do que a perícopes permite, constituindo-se, assim, interpretação do vocábulo original); 5b (entender “poder” como “milagres”, denota um construto teológico sobre o termo grego que excede os limites da perícopes). Há, ainda, os casos dos segmentos referentes aos vocábulos “lei” e “espírito”, pois em 2c e 5c a ARA é precisa em traduzir νόμος com letra minúscula, enquanto que em 2d, 3b e 5a a opção foi pela tradução de πνεύμα com letra maiúscula, referendando, assim, o ente teológico “Espírito Santo”, o que o texto original não parece indicar. Essa versão caracteriza-se, majoritariamente, por não omitir ou acrescentar elementos na tradução que não pertençam ao texto grego original. Porém, modifica ou substitui intensamente os termos gregos por outros causando certa divergência entre a tradução e o que está presente no texto original.

NTI: talvez por se tratar de uma versão interlinear do texto grego vertida ao português, não há qualquer omissão ou acréscimo de termos em relação ao texto original. Porém, algumas modificações aparecem na tradução: 1d e 1e (προεγράφη e ἐσταυρωμένος são traduzidos, somente, por “grafado”, isso compromete a ênfase aguda que o autor de Gálatas quer dar ao termo); 2a (θέλω por “desejo”, mais uma vez, suaviza a ênfase que o autor de Gálatas quer dar ao verbo); 4a (ἐπάθετε é

traduzido por “sofrer”, quando na verdade o contexto original quer indicar “experiência”). Sobre os casos dos segmentos referentes aos vocábulos “lei” e “espírito”, 2c e 5c essa versão, tal qual a BJ, entende νόμος com letra maiúscula, também em 2d, 3b e 5a a opção foi pela tradução de πνεύμα com letra maiúscula, referendando, assim, o ente teológico “Espírito Santo”, o que o texto original não parece indicar. Trata-se de um bom texto interlinear, mas ainda sim segue uma tendência em interpretar o texto no momento da tradução para além do que o material original quer indicar.

NTLH: é sabido que essa versão tem por objetivo ser uma “tradução dinâmica” (WEGNER, 1998. p.30-33 *passim*), porém alguns limites hão de ser considerados nesse processo. Assim, identifica-se omissão de termos presentes no texto original em duas ocasiões: 2a (θέλω) e 4a (τοσαῦτα), mas não há alteração de sentido, ocorre a omissão em virtude da adequação da tradução. Há, ainda, um número razoável de acréscimos: 1c (“por assim dizer, vocês viram”, já indica, em si, uma interpretação do que está no texto original, mas pouco altera a compreensão do texto); 1d (“descrição perfeita na minha pregação”, também pouco altera o entendimento, só exagera no acréscimo de “pregação”, pois é uma inferência que se faz a partir do texto original); 3b (“vida cristã pelo poder do Espírito de Deus” é um acréscimo grosseiro ao texto original, sequer encontra base esse acréscimo na leitura paralela de outra versão em português); 4b (“não é possível” substitui uma colocação – quase pergunta – retórica do autor de Gálatas que não corresponde ao sentido original do texto); 5a (“quando Deus dá seu Espírito”, acrescenta “Deus” que não está no texto original e interpreta o sentido de “espírito”, bem como a dádiva desse espírito e não provisão, como o texto original indica). Essa versão também modifica o texto substancialmente, quando em 3c traduz σαρκί por “suas próprias forças”, pois o texto parece indicar que a oposição se estabelece na condição de “carne, materialidade” versus “espírito, não materialidade”. Em 5d reduz o sentido do termo grego a crer, mas o contexto original quer atribuir o sentido de fé. Quanto ao sentido de “lei”, o segmento 2c o traduz com letra minúscula, enquanto que 5c com maiúscula, uma escolha inexplicável. E, finalmente, sobre “espírito”, todas as vezes que aparece no texto, é grafada em letra maiúscula, indicando a grandeza teológica “Espírito Santo” que, em 3b, é harmonizado com “espírito de Deus”. Por ser uma versão baseada

em outras edições do texto em português, procede dessa maneira, porém há que se reconhecer que esse procedimento não pode comprometer tanto a leitura global da perícopes, seja ela qual for.

Muito embora o objeto central desse trabalho seja o verbo βασιλεύω, não se pode isolá-lo de seu contexto imediato, ou seja, a perícopes em que está inserido, e perceber as relações discursivas que mantém na construção textual ao seu redor. O percurso analítico imediatamente acima posto, teve por objetivo perceber (e comprovar) de que forma as traduções bíblicas para o português, nos termos mais delicados conceitualmente, do ponto de vista teológico, sofrem inúmeras releituras e interpretações.

Esse fato quer indicar duas coisas: (a) as comunidades que têm esses textos como normativos, bem como leitores não religiosos que do texto se aproximam, muitas vezes ficam alijadas de uma leitura mais precisa do ambiente originário do texto; (b) é recorrente a tentativa de tradutores, em um primeiro momento, e teólogos, em um segundo momento, a constante interpretação e atribuição de significados conceituais aos termos que se distanciam de seus contextos originários. Tendo isso em vista, esse trabalho prossegue rumo a uma análise e problematização mais detalhada da perícopes em questão.

2.2.

Crítica Textual

Para a execução desse passo metodológico convém, antes, algumas observações sobre o procedimento da crítica textual e o tratamento exegético que estudiosos conferem ao texto. Alguns pressupostos são básicos e consensuais¹⁰⁰: (a) existiu um texto autógrafo para cada escrito do Novo Testamento, no geral e para Gálatas no particular; (b) a exegese, por meio de seus passos metodológicos, quer recuperar o evento fundante desses textos autógrafos.

¹⁰⁰ Muito embora haja diferentes formas de aproximação ao texto bíblico, cf. nota 92 desse capítulo, dificilmente um estudioso do proto-cristianismo, seja teólogo, historiador, etc. negará esses dois pressupostos básicos (mesmo os estruturalistas-subjetivistas que, nesse caso, não abrem mão de um texto autógrafo e uma autoria real, palpável). Para o quadro conceitual de leitura dos textos bíblicos, bem como critérios de aproximação para o mesmo, que esse texto segue, ver: RIBEIRO, 2005.

O processo de composição, redação, acréscimos e sucessivas cópias foram “assumidos e transformados em um processo gradual de elaboração viva” (SMITMANS, 1974. p.203). Dessa forma, o que é imperativo para esse trabalho assumir é a dimensão de não reconstrução do texto neotestamentário de Gálatas original que esteve presente no *corpus* antigo do Novo Testamento, pois esse é produto do IV século e.c. mas, antes, entender como diversas comunidades experimentaram sua fé particular a partir de cada texto, nesse caso específico, o texto de Paulo aos Gálatas.

Com isso, não é primordial que se busque “o” texto original sobre o qual se fundamentou a compreensão de pré-cristandade que as comunidades mediterrânicas experimentaram, mas perceber que, dada a variedade de escritos, é preciso referir-se a “cristianismos” e não projetar uma “unidade” canônica que se pensa hoje para aqueles tempos primevos.

Para a perícope de Gl 3,1-5, a edição grega de NESTLE-ALAND, 1995 apresenta as seguintes variantes do texto¹⁰¹:

3,1 ὁ ἀνόητοι Γαλάται, τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν^τ, οἷς κατ’ ὀφθαλμοὺς Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη^τ ἐσταυρωμένος;

^τ (5,7) τη αληθεια μη πειθεσθαι C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 ℣ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss} | txt ℵ A B D* F G 6. 33*. 81. 630. 1739 pc lat sy^p co; Hier^{mss} | ^τ εν υμιν D F G 33^c ℣ it vg^{cl} sy^h | txt ℵ A B C P Ψ 0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. pc f r vgst co.

Após a leitura do aparato crítico, segue avaliação das variantes.

Leitura da variante 1:

[a]¹⁰² ^τ (5,7) τη αληθεια μη πειθεσθαι C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 ℣ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss} |

¹⁰¹ É curioso notar que nenhuma das quatro edições do **The Greek New Testament** (UBS) traz variantes para essa perícopa, ou mais especificamente o v.1.

¹⁰² Neste ponto há a inserção (proveniente de Gl 5,7) da expressão τη αληθεια μη πειθεσθαι (para que não obedeça à verdade). Essa atestação é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos C (século V e.c.), Ψ (século IX/X e.c.) e 0278 (século IX e.c.) e no ocidental D, segunda correção do editor, (século VI e.c.). Nos manuscritos minúsculos 33 (século IX e.c.) em sua correção primária ou posterior e, também, no 1881 (século XIV e.c.). Além de apoiado pela maioria de manuscritos do tipo Koiné ou Bizantino

[b]¹⁰³ *txt* Ⲑ A B D* F G 6. 33*. 81. 630. 1739 *pc* lat sy^p co; Hier^{mss}

Para a avaliação das variantes presentes no verso 1, opta-se pelos critérios: internos e externos (WEGNER, 1998. p.47; EGGER, 1994. p.49):

Variante 1: a inclusão ou omissão da variante apresentam os seguintes quadros:

[a] Inclusão da expressão *τη αληθεια μη πειθεσθαι*: C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 Ⲑ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss}

Documento	Data	Origem
C	século V e.c.	Alexandrino
D ²	século VI e.c.	Ocidental
Ψ	século IX/X e.c.	Alexandrino
0278	século IX e.c.	Alexandrino
33 ^c	século IX e.c.	Alexandrino
1881	século XIV e.c.	Koiné ou Bizantino
Ⲑ	século IV e.c.	Koiné ou Bizantino
vg ^{cl}	Versão de 1592	Ocidental
sy ^h	Versão do século VII e.c.	Ocidental
Hier ^{mss}	Século V e.c.	Ocidental

Tabela 4a: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

(revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.)¹⁰². Há ainda o testemunho das versões Vulgata (edição clementina de 1592) e Siríaca (edição heracleana do século VII e.c.). Por fim, testemunhado também por Jerônimo, que atestou conhecer manuscritos que ratificam essa leitura (século V e.c.).

¹⁰³ A variante do texto, porém, escolhida pela comissão (NESTLE-ALAND, 1995) é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos a (século IV e.c.), A (século V e.c.) e B (século IV e.c.) além dos ocidentais D original, diferente de suas cópias (século V e.c.), F (século IX e.c.) e G (século IX e.c.). Nos manuscritos minúsculos 6 (século XIII e.c.), 33 original, diferente de suas cópias (século XI e.c.), 81 (século XI e.c.), 630 (século XII/XIII e.c.) e 1739 (século X e.c.). Além de divergir muito pouco da maioria de manuscritos apoiado por todos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há ainda o testemunho dos manuscritos latinos e da Vulgata (séculos IV e V e.c.), da versão siríaca Peshita (século V e.c.) e todos os manuscritos da versão copta (século III e.c.). Testemunhado também por Jerônimo, que atestou conhecer manuscritos que ratificam essa leitura (século V e.c.).

[b] Omissão (=txt): **Ⲛ** A B D* F G 6. 33*. 81. 630. 1739 *pc* lat sy^p co; Hier^{mss}

Documento	Data	Origem
Ⲛ	Maiúsculo	século IV e.c.
A		século V e.c.
B		século IV e.c.
D*		século V e.c.
F		século IX e.c.
G		século IX e.c.
6	Minúsculo	século XIII e.c.
33*		século XI e.c.
81		século XI e.c.
630		século XII/XIII e.c.
1739		século X e.c.
<i>pc</i>	Século IV e.c.	
lat	Versão do séculos IV e V e.c.	
sy ^p	Versão do século V e.c.	
co	Versão do século III e.c.	
Hier ^{mss}	Século V e.c.	

Tabela 4b: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

Do ponto de vista da *evidência externa*, tem-se:

(i) quantidade: a omissão da expressão conta com grande maioria de manuscritos mais antigos; (ii) idade: os manuscritos com idade mais antiga são os que omitem a expressão; (iii) tipo de texto: ainda, a omissão é atestada por muitos textos de origem alexandrina o que indica sua “brevidade e neutralidade estilística” (WEGNER, 1998. p.47). Por fim, também a variante que considera a omissão apresenta maior expansão geográfica, o que indica preferência para a leitura do texto.

Do ponto de vista da *evidência interna*, tem-se:

(i) a brevidade e facilidade na omissão da expressão deve ser considerada a mais próxima ao original, uma vez que a tendência de copistas é sempre facilitar a leitura, não dificultá-la. Logo, a expressão acrescida parece querer explicar o texto, o que configura um acréscimo posterior; (ii) o acréscimo da expressão

citada quer harmonizar o conteúdo de Gl 3,1 com o de Gl 5,7, assim a variante que não busca essa harmonia com textos paralelos deve ser preferida.

Desses passos, conclui-se que a opção da comissão de NESTLE-ALAND, 1995 em omitir a expressão *τη αληθεια μη πειθεσθαι* é a mais apropriada.

Para a avaliação das variantes presentes no verso 1, opta-se pelos critérios: internos e externos (WEGNER, 1998. p.47; EGGER, 1994. p.49):

Leitura da variante 2:

[a]¹⁰⁴ ^τ εϐ υμιν D F G 33^c Ɔ it vg^{cl} sy^h |

[b]¹⁰⁵ *txt* Ɔ A B C P Ψ 0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. *pc* f
r vgst co.

¹⁰⁴ Neste ponto, há a inserção de *ἐν ὑμῖν* (para vocês), essa variante, dessa mesma forma, ocorre muitas vezes dentro do aparato crítico. Essa forma no texto está testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos ocidentais D (século VI e.c.), F (século IX e.c.) e G (século IX e.c.). Além de estar testemunhada também no minúsculo 33 (século IX e.c.) em sua correção primária ou posterior. É também apoiado pela maioria de manuscritos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há também a ocorrência dessa forma em três traduções, a maioria dos manuscritos latinos antigos (entre os séculos IV e XV e.c.), a Vulgata (edição clementina de 1592) e Siríaca (edição heracleana do século VII e.c.).

¹⁰⁵ A variante do texto, porém, escolhida pela comissão (NESTLE-ALAND, 1995) é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos a (século IV e.c.), A (século V e.c.), B (século IV e.c.), C (século V e.c.), P (século IX e.c.), Ψ (século IX/X e.c.) e 0278 (século IX e.c.). Bem como nos minúsculos 33 original, diferente de suas cópias (século XI e.c.), 81 (século XI e.c.), 104 (século XI e.c. em 1087), 365 (século XIII e.c.), 630 (século XIV e.c.), 1175 (século X e.c.), 1241 (século XII e.c.) em seu manuscrito secundário, ou seja, com acréscimos posteriores em relação ao original, 1739 (século X e.c.), 1881 (século XVII e.c. em 1668). Além de divergir muito pouco da maioria de manuscritos apoiado por todos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há ainda atestação dessa forma nas versões dos manuscritos latinos avulsos (séculos VI e VII e.c.), Vulgata na edição Stuttgartiensis (primeira edição em 1983) e em todos os manuscritos da versão copta (século III e.c.).

Variante 2: a inclusão ou omissão da variante apresentam os seguintes quadros:

[a] Inclusão: ^τ εϋ ύμιν D F G 33^c Ϻ it vg^{cl} sy^h

Documento	Data	Origem
D	Maiúsculo	século VI e.c. Ocidental
F		século IX e.c. Ocidental
G		século IX e.c. Ocidental
33 ^c	Minúsculo	século IX e.c. Koiné ou Bizantino
Ϻ		século IV e.c. Koiné ou Bizantino
it	Versão séculos IV e XV e.c. Ocidental	
vg ^{cl}	Versão de 1592 Ocidental	
sy ^h	século VII e.c. Ocidental	

Tabela 4c: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

[b] Omissão: (=txt) Ϻ A B C P Ψ 0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. pc f r vgst co.

Documento	Data	Origem
Ϻ	Maiúsculo	século IV e.c. Alexandrino
A		século V e.c. Alexandrino
B		século IV e.c. Alexandrino
C		século V e.c. Alexandrino
P		século IX e.c. Alexandrino
Ψ		século IX/X e.c. Alexandrino
0278		século IX e.c. Alexandrino
33*	Minúsculo	século XI e.c. Koiné ou Bizantino
81		século XI e.c. Koiné ou Bizantino
104		século XI e.c. Koiné ou Bizantino
365		século XIII e.c. Koiné ou Bizantino
630		século XIV e.c. Koiné ou Bizantino
1175		século X e.c. Koiné ou Bizantino
1241 ^s		século XII e.c. Koiné ou Bizantino
1739		século X e.c. Alexandrino

1881		século XVII e.c.	Koiné ou Bizantino
pc		Século IV e.c.	Koiné ou Bizantino
f	latino	séculos VI e VII	Ocidental
r	avulso	e.c.	Ocidental
vg st	Versão de 1983		Ocidental
co	Versão do século III e.c.		Alexandrino

Tabela 4d: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

Do ponto de vista da *evidência externa*, tem-se:

(i) quantidade: a omissão da expressão conta com grande maioria de manuscritos mais antigos; (ii) idade: os manuscritos com idade mais antiga são os que omitem a expressão; (iii) tipo de texto: ainda, a omissão é atestada por muitos textos de origem alexandrina o que indica sua “brevidade e neutralidade estilística” (WEGNER, 1998. p.47). Por fim, também a variante que considera a omissão apresenta maior expansão geográfica, o que indica preferência para a leitura do texto.

Do ponto de vista da *evidência interna*, tem-se:

(i) a brevidade e facilidade na omissão da expressão deve ser considerada a mais próxima ao original, uma vez que a tendência de copistas é sempre facilitar a leitura, não dificultá-la. Logo, a expressão acrescida parece querer explicar o texto, o que configura um acréscimo posterior; (ii) pode-se dizer, ainda, que o acréscimo ao texto o torna mais aperfeiçoado, do ponto de vista linguístico, por isso a leitura que omite esses termos deve ser a preferida.

Desses passos, conclui-se que a opção da comissão de NESTLE-ALAND, 1995 em omitir a expressão $\epsilon\nu\ \upsilon\mu\iota\nu$ é a mais apropriada.

Ao fim dos passos apropriados para a crítica textual, duas conclusões emergem: (a) trata-se de uma perícopes (Gl 3,1-5) estabelecida como possivelmente o autógrafo tal qual determinado até aqui; (b) o fato de se estabelecer um texto possivelmente autógrafo para essa perícopes não exclui o fato dela ter sido compreendida de maneiras distintas a essa agora estabelecida, implica dizer, certamente comunidades em torno de manuscritos que apresentavam uma variante em detrimento da outra experimentaram uma faceta

do proto-critianismo de maneira particular, seja apenas com os escritos paulinos ou evangélicos ou outro “cânon” que hoje se desconhece. Com isso, mesmo após o esforço de buscar o estabelecimento de um texto autógrafo, não se silencia as demais expressões do mesmo texto com outras leituras (vide, como exemplo, os documentos citados nas tabelas acima que testemunham leituras diferentes para a mesma perícopes). Isso é de fundamental importância quando considerado o verbo βασιλείω a seguir, no capítulo terceiro.

2.3.

Crítica da Constituição do Texto

Também conhecido como análise ou crítica literária esse passo metodológico quer indicar¹⁰⁶ (i) a delimitação do texto, ou seja, unidade literária autônoma; (b) estrutura literária, ou seja, as partes distintas que o compõem a perícopes; (c) unidade literária da perícopes, ou seja, se é uma perícopes unitária ou composta; e, finalmente, (d) se há uso de fontes literárias alheias ao conteúdo formulado pelo próprio autor.

O que esse trabalho propõe é a definição da perícopes do capítulo 3 de Gálatas entre os versos 1 a 5. Tese essa que as versões da Bíblia¹⁰⁷ em diversas línguas concordam. Para sustentar essa divisão operada no texto que resulta como produto a perícopes em estudo pode-se dizer que esse texto constitui uma unidade autônoma, pois seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica, distinta da mensagem dos textos anteriores ou subsequentes (WEGNER, 1998. p.86).

A partir desse argumento, defende-se essa delimitação da perícopes, pois a perícopes anterior (Gl 2, 15-21) tem assunto próprio, ou seja, o relato do episódio em Antioquia de tensão entre Paulo e Pedro. Em 3,1-5 a localização geográfica não é precisa, mas Paulo fala aos Gálatas, isto é, há mudança no referencial espacial para onde o texto é direcionado. Além disso, a argumentação de Paulo passa a ser mais explícita quanto ao conteúdo da mensagem que quer enfatizar.

¹⁰⁶ Critérios ou passos metodológicos de acordo com WEGNER, 1998. p.84-86.

¹⁰⁷ BJ, 2002; ARA, 1993; NTLH, 2000, por exemplo.

A perícope posterior (Gl 3, 6-14) introduz outra parte da argumentação de Paulo, já inserindo a figura de Abraão e a discussão sobre a fé e justificação. Sendo assim, o personagem sobre quem se fala é outro – Abraão – enquanto que em 3,1-5 os Gálatas é que são os protagonistas. Do ponto de vista formal (será considerado em detalhes abaixo) os paralelismos em 3,1-5 não se mantêm na perícope seguinte.

Do ponto de vista estrutural a perícope em questão pode ser organizada tendo em vista uma estrutura concêntrica. Para verificar tal possibilidade, toma-se o texto da perícope em sua tradução literal, proposta por esse trabalho:

¹Oh, estúpidos Gálatas! Quem vos enfeitiçou, diante de cujos olhos Jesus Cristo foi retratado publicamente pregado na cruz?

²Isso somente quero aprender de vocês: como resultado de práticas da norma, o espírito alcançais, ou como resultado de ouvir da fé?

³Então estúpidos sois começando com espírito, agora, com carne acabais?

⁴Em vão experimentais tantas coisas? Se, na verdade, em vão.

⁵Aquele, portanto, que vos provê o espírito e pratica poder entre vós, vem da prática da norma ou vem de ouvir da fé?

Da tradução literal proposta, recolhe-se os temas principais de cada verso e organiza-se, visualmente, da seguinte maneira:

A Estúpidos – quem enfeitiçou – Jesus retratado pregado na cruz

B Aprender de vós – prática da norma → espírito ← ouvir da fé

C Estúpidos – começa no espírito – acaba com carne

B' Experimentar [vós] – em vão → [espírito] ← se, na verdade, em vão

A' [vós] – (Aquele) provê espírito e pratica poder – prática da norma / ouvir da fé

Detalhadamente, tem-se:

A – A': os gálatas são chamados de “estúpidos” em **A**, a correspondência se dá em **A'** pelo pronome “vos”, como sendo “aquele que provê a vós”; o termo ou a idéia de “feitiço” é contraposta “à aquele que provê espírito e pratica poder”, ora, prover o espírito já é por demais fantástico, mas praticar poder (em algumas traduções “milagres”), ou seja, intervir, do ponto de vista prático, na vida das pessoas é ainda mais maravilhoso; Por fim, “Jesus retratado pregado na cruz” é a pergunta retórica que Paulo deixa transparecer em toda a perícope, ou seja, a

prova de se estar pregado na cruz tem relação com a “prática da norma ou ouvir da fé”?

B – B’: o verbo que inicia **B** (aprender) se relaciona com aquele que inicia **B’** (experimental) como um apelo do autor em aprender (no sentido escolar) com a experiência dos Gálatas, mais uma vez evidenciando a pergunta retórica se a experiência que tiveram os destinatários foi, de fato, em vão. Os três segmentos a diante têm como centro o “espírito”, ou seja, se ele foi ou será adquirido pela “prática da norma” (**B**) “em vão” (**B’**) ou “pelo ouvir da fé” (**B**) “se, na verdade, em vão” (**B’**) foi a experiência.

C: eis o centro da argumentação que preocupou Paulo e o fez confrontar seus destinatários: a estupidez dos Gálatas em começar com o espírito (referindo-se a pregação de Paulo de Jesus crucificado) e acabarem com a carne (referindo-se ao abandono por parte dos destinatários da pregação de Paulo).

Para a análise ou crítica da constituição do texto é mister ainda considerar o uso de fontes por parte do autor da perícopes em questão. Em geral, os exegetas bíblicos detêm-se em considerar citações do Antigo Testamento, Novo Testamento (portanto fontes canônicas), textos não canônicos (apócrifos ou pseudo-epígrafos) e ainda, no máximo, a Septuaginta.

A partir desse ponto de vista e uso corrente dos exegetas, que das perícopes bíblicas se aproximam, a crítica da constituição do texto silencia boa parte do ambiente sócio-cultural em que o autor estava inserido¹⁰⁸. O que esse trabalho pretende é, para além dessas correspondências de fontes limitadas aos textos, de uma forma ou de outra, canônicos é expandir o olhar para o ambiente originário do autor bíblico em questão.

Como ilustração do escopo desse texto, mencionado acima, o capítulo terceiro, onde se propõe uma análise minuciosa do verbo βασκαίνω, demonstrará de que forma se pode ir para além dos textos canônicos na busca do ambiente originário do autor e de que fontes se serviu, bem como em que universo cultural este homem (de carne e osso) estava inserido, com seus pés fincados ao chão¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Cf. por exemplo, os comentários de WEGNER, 1998. p.317 sobre a busca de fontes usadas pelos autores bíblicos para o caso das epístolas.

¹⁰⁹ Para um completo e preciso exemplo do que se menciona aqui, ver: CHEVITARESE, André L. **Cristianismos**. Rio de Janeiro: KLINÉ, 2011 (no prelo) no capítulo referente a Filemon.

2.4.

Crítica da Forma

Ao longo da história, o auge da interpretação da forma de Gálatas, segundo os exegetas modernos, foi a obra de BETZ, 1979, onde a análise retórica dos escritos paulinos, no geral, e de Gálatas no particular ganhou enorme projeção¹¹⁰, mas o comentário sobre o estilo da carta aos Gálatas foi pouco explorado¹¹¹ (CALLAN, 2007. p.496).

O procedimento da crítica da forma, fundamentalmente, ajuda a extrair do texto apenas aquilo que o mesmo tem a oferecer (WEGNER, 1998. p.176). Além disso, auxilia na interpretação do texto de acordo com suas características sintático-estilísticas e de gênero literário, o que, por definição, impede supra ou infra-interpretações. O objetivo a partir do qual a perícopes foi escrita também emerge da análise formal, além de identificar seu lugar vivencial (*sitz im Leben*¹¹²). Os passos para tal análise compreendem, obviamente, o percurso rumo ao alcance dos objetivos acima mencionados. Assim, eis as etapas: (i) análise das características formais da perícopes propriamente ditas, ou seja, elementos sintático-estilísticos, *tropos* da linguagem, dentre outros aspectos; (ii) enquadramento dessas características a fim de determinar um gênero literário; (iii) determinação do *sitz im Leben* e posterior associação deste com o gênero literário; (iv) associação do gênero literário, *sitz im Leben* e conteúdo do texto com sua intenção.

Portanto, seguindo esses passos, tem-se:

¹¹⁰ Para um percurso histórico de obras que analisaram Gálatas sob o ponto de vista retórico, ver: BRYANT, R. A. **The risen crucified Christ in Galatians**. Atlanta: SBLDS, 2001. p.30-37.44-52. *Apud* CALLAN, 2007; a monumental coletânea de NANOS, Mark D. (ed.) **The Galatians Debate: Contemporary Issues in Rhetorical and Historical Interpretation**. Peabody, Mass.: Hendrickson, 2002. A excelente revisão bibliográfica TOLMIE, D. F. The Rhetorical Analysis of the Letter to the Galatians: 1995-2005. In: **Acta Theologica – Supplementum** 9. Bloemfontein: 2008. E, ainda, o debate entre: TSANG, S. From slaves to sons: a new rhetoric analysis on Paul's slave metaphors in his letter to the Galatians. In: **Studies in Biblical Literature** 81. New York: Peter Lang, 2005 e KERN, P. H., Rhetoric and Galatians. Assessing the approach to Paul's Epistle. In: **SNTSMS** 101. Cambridge: 1998.

¹¹¹ É exatamente essa lacuna que CALLAN, 2007 enuncia que pretende preencher como escopo de seu texto. Mas reconhece que BRYANT, R. A. **The risen crucified Christ in Galatians**. Atlanta: SBLDS, 2001. p.128-140 *Apud* CALLAN, 2007 realizou esse estudo a partir de Gl 1,1-10, inclusive citando outras obras que também comentaram o estilo de Gálatas, mas não de forma geral, como pretende Callan.

¹¹² Do alemão, *lugar de vida*. Para uma definição, discussão e aplicação do conceito, ver: ZIMMERMANN, 1974. p.229-334, especialmente as páginas 328-329.

(i) análise das características formais da perícopa propriamente ditas, ou seja, elementos sintático-estilísticos, *tropos* da linguagem, dentre outros aspectos:

Segmento	Partículas e andamento	Verbos	Nomes
1a	ὁ ἀνόητοι Γαλάται,	ὁ ἀνόητοι Γαλάται,	ὁ ἀνόητοι Γαλάται,
1b	τίς ὑμᾶς ἐβάσκαεν,	τίς ὑμᾶς ἐβάσκαεν,	τίς ὑμᾶς ἐβάσκαεν,
1c	οἷς κατ' ὀφθαλμοῦς	οἷς κατ' ὀφθαλμοῦς	οἷς κατ' ὀφθαλμοῦς
1d	Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη	Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη	Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη
1e	ἐσταυρωμένος;	ἐσταυρωμένος;	ἐσταυρωμένος;
2a	τοῦτο μόνον θέλω	τοῦτο μόνον θέλω	τοῦτο μόνον θέλω
2b	μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν.	μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν.	μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν.
2c	ἐξ ἔργων νόμου	ἐξ ἔργων νόμου	ἐξ ἔργων νόμου
2d	τὸ πνεῦμα ἐλάβετε	τὸ πνεῦμα ἐλάβετε	τὸ πνεῦμα ἐλάβετε
2e	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
3a	οὕτως ἀνόητοί ἐστε,	οὕτως ἀνόητοί ἐστε,	οὕτως ἀνόητοί ἐστε,
3b	ἐναρξάμενοι πνεύματι	ἐναρξάμενοι πνεύματι	ἐναρξάμενοι πνεύματι
3c	νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;	νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;	νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;
4a	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ;	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ;	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ;
4b	εἰ γε καὶ εἰκῇ.	εἰ γε καὶ εἰκῇ.	εἰ γε καὶ εἰκῇ.
5a	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα
5b	καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν,	καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν,	καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν,
5c	ἐξ ἔργων νόμου	ἐξ ἔργων νόμου	ἐξ ἔργων νόμου
5d	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;

Tabela 5: Aspectos formais em Gálatas 3,1

Para o estudo formal dessa perícopa é mister que se tenha um critério em vista. Assim, toma-se os critérios propostos por Cícero em *De Oratore* 3.96-208¹¹³. De forma geral, Cícero expõe três estilos mais amplos, do ponto de vista de suas características, ou seja, pleno, simples, ou médio. Ainda, a partir desses três estilos mais amplos, elenca quatro virtudes que um estilo pode apresentar: (a) dicção correta; (b) lucidez; (c) ornamento; e, finalmente, (d) adequação. Por fim, no que diz respeito aos ornamentos do discurso, dois são fundamentais: vocabulário (palavras raras, neologismos e *tropos*) e sintaxe (evitar confrontos

¹¹³ Apud CALLAN, 2007. p.496.

duros de consoantes e hiatos de vogais¹¹⁴, ritmo e figuras de discurso e pensamento).

- o vocabulário da perícopie: é bastante ornamentado, primeiramente, pelo uso de palavras raras. No texto como um todo¹¹⁵, são cinco¹¹⁶: Gl 2,14 (Ἰουδαϊκῶς e ἰουδαῖζειν), 3,1 (ἐβάσκανεν), 6,3 (φρεναπατῆ) e 6,12 (εὐπροσωπήσαι). Do ponto de vista dos neologismos, essa perícopie nada apresenta¹¹⁷. Quanto ao uso de demais *tropos* é possível perceber no segmento 4b a ironia ou ainda a correção, porém os comentaristas divergem muito quanto a esse aspecto. Em outra parte da perícopie não há mais ocorrência desses casos¹¹⁸.

- a sintaxe da perícopie: do ponto de vista dos hiatos e duros confrontos entre consoantes, repetidas vezes, não aparece na perícopie e, sequer, na carta aos Gálatas. A respeito do ritmo¹¹⁹, conferido pelas partículas (ver tabela acima), em primeiro momento, e pelas sentenças completas, em, segundo momento, o texto

¹¹⁴ Esse critério está fundamentado na repetição constante desses confrontos de consoantes (um exemplo seria: uma palavra que termina com “ς” e outra que começa por “χ”, como em Ἰησοῦς Χριστός) ou hiatos de vogais (um exemplo seria: uma palavra que termina com “ω” e outra que começa por “α”), pois em qualquer texto acontece tal “problema”, mas o que Cícero quer se referir aqui é à sucessiva ocorrência e não a esporádicos acontecimentos.

¹¹⁵ Doravante, os dados quantitativos mencionados, para o texto de Gálatas como um todo, ou seja, fora da perícopie de estudo, estão listados em CALLAN, 2007, BETZ, 1979, BURTON, 1921, LONGENECKER, 1990 e TSANG, 2005.

¹¹⁶ No artigo de CALLAN, 2007 são mencionados apenas quatro. O quinto aqui mencionado trata-se de βασκαίνω e é, de forma inédita, mencionado por este trabalho. A não menção desse verbo no texto de Callan pode ser explicado por dois motivos: (i) trata-se de um termo controverso e cercado de polêmica, conforme retrata o primeiro capítulo deste trabalho e, por isso, o autor tenha se sentido desconfortável em comentá-lo dada sua possível vinculação ao ambiente mágico (tese central deste trabalho); ou (ii) o autor considera que βασκαίνω não seja um verbete de raro emprego no momento de redação da carta por parte de Paulo (o que corrobora a tese que será defendida no terceiro capítulo deste texto). Porém, o fato de βασκαίνω ser um *hápax legomenon* em todo o Novo Testamento talvez merecesse uma citação desse fato ou, pelo menos, uma nota explicativa por parte de Callan (lembrando que Betz entende o emprego desse verbo como metafórico, mas nem no momento que Callan cita tal recurso, ou seja, o metafórico e, ainda, cita Betz, há menção de βασκαίνω em Gl 3,1, cf. notas 7 a 14 nas páginas 498 a 500).

¹¹⁷ Muito embora a perícopie em questão não apresente neologismos, na carta como um todo há sete termos dessa natureza, cf. CALLAN, 2007. p.497.

¹¹⁸ Porém, na carta como um todo, mais de 100 casos onde ocorrem metáforas, 8 casos onde aparecem antonomásias, 4 casos de hipérbole, 11 casos de metonímia e 2 casos de sinédoque. Cf. BETZ, 1979. p.111. 150. 187-188. 204. 264. 277. 294. 299. 308-309. 311. 324; BURTON, 1921. p.93-94. 171. 248. 282. 298. 313. 320. 346. 360-361; LONGENECKER, 1990. p.49. 156. 162. 230. 244. 259. 283; TSANG, 2005. p.76-77. 87-131; CALLAN, 2007. p.499-500 (onde há mais extensa lista de outros comentaristas formais ao texto de Gálatas).

¹¹⁹ No que diz respeito ao ritmo das sentenças e, por consequência, da perícopie no particular, o critério adotado segue à risca a revisão conceitual que CALLAN, 2007, p.501 operou a partir das definições de Marcus Tullius Cicero (Cícero), Aristóteles, Dionísio de Halicarnasso e Marcus Fabius Quintilianus (Quintiliano). Importante nessa discussão conceitual é observar a valoração do texto por parte dos autores acima citados graduando os escritos como mais ou menos sofisticado de acordo com o ritmo empregado.

em questão apresenta as seguintes métricas: (i) troqueu¹²⁰: verso 3 e mais outras quarenta vezes em todo o texto de Gálatas¹²¹; (ii) espondeu¹²²: segmento 4b, essa é a segunda mais freqüente métrica usada em Gálatas; (iii) dáctilo¹²³: verso 1, sendo a terceira mais comum usada em Gálatas, com vinte e quatro ocorrências; (iv) crético¹²⁴: segmento 2c-2d, com mais outras onze ocorrências em toda a carta; (v) anapesto¹²⁵: segmentos 2a-2b, também com outras onze ocorrências em toda a carta; (vi) báquio menor¹²⁶: segmento 4a, essa a única ocorrência em todo texto da carta paulina (Dionísio de Halicarnásio o considera como um ritmo nobilíssimo).

• Figuras de discurso e pensamento na perícopa: nesse aspecto é que há maior dificuldade de definição, especialmente no segmento 4b, pois pode ser entendido como: correção¹²⁷, reduplicação ou diáfora (que parece ser o caso mais adequado para esse segmento). Há ainda, a ocorrência de elipse no verso 5. Por fim, para o caso dessa perícopa, todos os versos apresentam antítese! Sem dúvida, o recurso retórico mais marcante usado por Paulo em sua argumentação.

• Comentários sobre o estilo da perícopa: em geral, a carta aos Gálatas é escrita no estilo simples¹²⁸. Os estilos pleno¹²⁹ e médio¹³⁰ também podem ser encontrados em partes específicas da carta, porém o simples é o que predomina. Para uma definição mais precisa do estilo simples, Callan cita o texto de Duane Watson que, por sua vez, se baseia nas obras de Demétrio, eis a citação:

“ ‘simples, direto ao ponto, explicando tudo e fazer de cada ponto claro ao invés de impressionante, usando um estilo requintado e conciso despojado de ornamentos’. É contido, conciso, evitando frases longas que tendam a elevação

¹²⁰ Sentenças terminadas com sílabas das palavras com o par longo-curto.

¹²¹ Quintiliano observa que os escritores asiáticos freqüentemente terminavam as sentenças com dois troqueus (CALLAN, 2007, p.501). Elemento fundamental, do ponto de vista do ritmo, portanto, da linguagem, usado por Paulo para seus endereçados, uma vez que se destinava aos Gálatas da Ásia Menor.

¹²² Sentenças terminadas com sílabas, das palavras, com o par longo-longo.

¹²³ Sentenças terminadas com sílabas, das palavras, com a tríade longo-curto-curto.

¹²⁴ Sentenças terminadas com sílabas, das palavras, com a tríade longo-curto-longo.

¹²⁵ Sentenças terminadas com sílabas, das palavras, com a tríade curto-curto-longo.

¹²⁶ Sentenças terminadas com sílabas, das palavras, com a tríade curto-longo-longo.

¹²⁷ Callan, p. 502-503 considera correção como figura do discurso, porém o uso mais comum e corrente é classificá-lo como *tropo* da linguagem. A opção que o autor faz não é explicitada.

¹²⁸ Os estilos definidos por Cícero, Agostinho, Demétrio, Aristóteles, Quintiliano e Dionísio de Halicarnaso como simples, pleno ou médio em suas obras sobre a retórica podem ser amplamente estudados, consultados e discutidos pelos comentários sistematizados por CALLAN, 2007, *passim*.

¹²⁹ Gl 4,10-20, segundo Agostinho (CALLAN, 2007, p. 508).

¹³⁰ Fim da carta, segundo Agostinho, mas sem precisar onde ((CALLAN, 2007, p. 509).

do estilo. Ele usa linguagem corrente, a linguagem coloquial, evita palavras compostas e ambigüidade, e utiliza a ordem direta das palavras. O estilo simples não tem força ou vigor, utiliza apenas a amplificação moderada, e evita o acúmulo. No entanto, ele tenta ser vivo através do uso de *enargeia*. O estilo simples usa poucas figuras e tal uso é subjugado. As figuras devem ser espalhadas por todo o discurso. Figuras de discurso são mais adequadas do que figuras do pensamento, e quando as figuras de pensamento são utilizados, não devem ser gritantes (flagrantes). Máximas são uma característica dominante. Metáforas devem ser utilizadas mais do que tudo, porque elas são geralmente coloquial, mas elas devem ser usadas moderadamente e ser de natureza média. *Pariosis*, *homoeoteleuton*, paronomásia, e todas as figuras de repetição são inadequadas para o estilo simples, porque elas são obviamente, arte¹³¹” (WATSON, D.F. **Invention, Arrangement and Style. Rhetorical Criticism of Jude and 2Peter**. Atlanta: SBLDS 104, 1988. p.25-26. *Apud* CALLAN, 2007.)

Além disso, ou melhor, acima de tudo, o estilo simples deve ser claro¹³². E a clareza é produzida pelo uso de conectivos (ver tabela acima em todos os segmentos) e não pelo uso de longos períodos. O estilo simples também é caracterizado pela vivacidade e poder de persuasão. A vivacidade é produzida pelo uso de detalhes precisos e nenhuma exclusão ou omissão, pela repetição, pelo uso do tempo passado, pelo gradual desvelamento de algum argumento, detalhes circunstanciais, sons ásperos e onomatopéias. Já a persuasão depende da clareza e familiaridade dos destinatários com o tema ou assunto do texto.

Fundamentalmente, cartas devem ser escritas em estilo simples, combinado com estilo elegante. É muito provável que esse formato de texto tenha sido assim produzido para se aproximar, em estilo, com a versão simples dos escritos asiáticos e, em tema, por conta dos destinatários da carta.

• Conclusões da crítica da forma: as reflexões em torno do estilo da carta aos Gálatas contribuem para a percepção do estilo simples em que ela é escrita, isso implica dizer: (i) a carta pretende, por meio de comunicação de

¹³¹ Tradução pessoal do texto: “ ‘plain, to the point, explaining everything and making every point clear rather than impressive, using a refined, concise style stripped of ornament’. It is restrained, concise, avoiding long clauses with tending to elevation of style. It uses current idiom, colloquial language, avoids compound words and ambiguity, and uses natural word order. The plain style has no force or vigor, utilizes only moderate amplification, and avoids accumulation. However, it does try to be vivid through the use of *enargeia*. The plain style uses few figures and such use is subdued. Figures should be spread throughout the speech. Figures of speech are more suited than figures of thought, and when figures of thought are used they should not be glaring. Maxims are a dominant feature. Metaphors should be used most of all because they are usually colloquial, but they should be used modestly and be of a middle nature. *Pariosis*, *homoeoteleuton*, paronomasia, and all figures of repetition are unsuited to the plain style because they are obvious art”.

¹³² Doravante, as características do estilo plano fazem parte de um diálogo entre o que foi definido por Watson e Demétrio, segundo comentários de Callan, 2007, *passim*.

conhecimentos comuns de Paulo e gálatas, apresentar argumentos convincentes para dissuadir os gálatas de sua postura contrária ao “evangelho de Paulo”; (ii) o estilo da carta é próprio para o ensino e muito usado quando os destinatários possuem perguntas/questões complicadas (Cicero e Agostinho, *Apud* CALLAN, 2007, p.513); (iii) chama à atenção o amplo emprego de metáforas¹³³ na carta em geral, além das antíteses, na perícopes, em particular, o que confere contornos específicos à argumentação de Paulo quando, por contrapor uma idéia a outra, deixa o “não-dito” como rica fonte de percepção do ambiente originário para o qual se comunica¹³⁴.

(ii) enquadramento dessas características a fim de determinar um gênero literário; Determinar um gênero literário não é tarefa das mais simples, especialmente quando se considera um texto neotestamentário geral, como o caso de Gálatas. Além das dificuldades inerentes ao processo, exegetas e estudiosos do assunto divergem muito quanto à nomenclatura. Basicamente, a controvérsia gira em torno de “fórmulas” (conjunto de palavras ou sentenças comuns que não excedem uma frase) e “formas” (soma das características estilísticas, sintáticas e estruturais de um texto) (WEGNER, 1998, p.167).

Assim, para a determinação de um gênero literário, o primeiro critério que esse texto quer seguir é a percepção do seu gênero literário a partir da apresentação de uma mesma estrutura formal básica para várias perícopes do mesmo texto, nesse caso, Gálatas. Decorrente desse critério faz-se necessária a diferenciação entre dois tipos de gêneros, ou seja, os maiores e os menores (WEGNER, 1998, p.168). Contudo, mesmo procedendo à essa classificação e a alguns critérios que serão mencionados a seguir, é possível encontrar, ainda, várias formas dentro de um mesmo texto (Gálatas, por exemplo) e dentro de uma mesma perícopes (Gl 3,1-5, por exemplo).

O segundo critério, portanto, a ser seguido por esse texto foi enunciado por Klaus Berger (BERGER, 1998, p.13-26) onde, por meio do auxílio de obras retóricas

¹³³ Callan, 2007, p. 514, nota 39, também menciona o amplo e predominante uso de metáforas na literatura antiga, especialmente entre os judeus.

¹³⁴ A riqueza do ambiente originário sobre o qual Paulo deixa transparecer em seu escrito, será tomado como exemplo para o caso do verbo βασιλεύω no capítulo a seguir.

antigas, define quatro gêneros: (a) abrangentes¹³⁵; (b) simbulêuticos¹³⁶; (c) epidícticos¹³⁷; e, por fim, (d) dicânicos¹³⁸.

Assim, por uma definição do gênero literário da perícopes em questão, convém, primeiramente, observar o seu gênero maior:

- Gênero maior: é muito corrente, ao referir-se a Gálatas, que se diga “carta” ou “epístola”, isso, por si só, já constituiria seu gênero literário, porém, os dois conceitos guardam entre si uma distinção¹³⁹. Por carta, entende-se uma mensagem entre um remetente e um destinatário, além de estar caracterizada por ser vinculada a uma situação específica. A relação estabelecida é de proximidade entre emissor e receptor e aborda questões que dizem respeito a ambos. Epístola, por sua vez, compreende tratados a respeito de certos assuntos que, mesmo na moldura de cartas, não se destinam a destinatários específicos como uma pessoa ou pequeno grupo delas no sentido definido, mas sim a grandes grupos e diferentes tipos de leitores e leitoras. Porém, mesmo sendo esse o gênero mais abrangente em que seja possível enquadrar Gálatas muitas peculiaridades nesse processo taxonômico emergem, eis o porquê desse texto, mesmo assumindo a epístola como gênero maior, seguir rumo a um detalhamento maior do gênero, ou seja, os gêneros menores¹⁴⁰.

Gêneros menores: desse ponto de vista, BERGER (1998, p.96-105) define Gl 3,1-18 como um gênero abrangente, ou seja, possuidor de características comuns pertencentes aos grupos simbulêuticos, epidícticos e dicânicos e mais além: a perícopes de 3,1-5 como uma argumentação epidítica e apologética. Essas definições, para além de uma linguagem hermética, querem deixar claro, por

¹³⁵ Características comuns a todos os três demais grupos de gêneros e que não podem ser reduzidas a um só deles (BERGER, 1998, p.27).

¹³⁶ Do grego *symboléuomai* (aconselhar), freqüentemente se dirige à segunda pessoa, a fórmula mais simples é a admoestação e a mais complexa a argumentação simbulêutica. Consiste em mover o ouvinte a agir ou a omitir uma ação. (BERGER, 1998, p.21).

¹³⁷ Do grego *epidéiknymi* (indicar, apontar), são textos descritivos, narrativos, copiam um quadro, criam uma imagem. Tencionam impressionar um leitor para fazê-lo sentir admiração ou repulsa; sua sensibilidade para valores é abordada na esfera pré-moral. São textos que pintam e representam coisas, pessoas ou acontecimentos. (BERGER, 1998, p.21).

¹³⁸ Do grego *dikanikós* (o que faz parte de um processo), são textos que tentam levar o leitor a tomar partido e decidirem-se por uma coisa ou outra. A finalidade é levar o leitor, por argumentação ou sugestão, a uma decisão em uma causa disputada. Trata-se de um “sim” ou “não” em um assunto polêmico; trata-se de divisão e decisão; daí a estrutura da argumentação na base do “não isto, mas aquilo”. (BERGER, 1998, p.21).

¹³⁹ A distinção a que se faz referência aqui encontra-se em WEGNER, 1998, p. 182.

¹⁴⁰ A propósito de tal dificuldade e muitas especificidades, ver: KÜMMEL, 1982, p.318 e, ainda, BERGER, 1998, p.13-17.

conta da própria definição desses recursos retóricos, os seguintes aspectos propostos por Paulo nessa perícopes: (a) explicar como uma coisa tem supremacia sobre a outra e convidar os interlocutores a uma decisão; (b) o amplo emprego de antíteses que elencam realidades incompreensíveis e duvidosas e as reduzem a antíteses em busca de entendimento e decisão.

(iii) determinação do *sitz im Leben* e posterior associação deste com o gênero literário;

Para a determinação desse passo, um diálogo com o texto de Berger¹⁴¹ é imprescindível, diz ele:

“1. Partimos da convicção de que os gêneros literários não são algo próprio de toda a humanidade nem podem ser deduzidos da psique humana. São antes assimilados juntamente com a língua materna, como as regras gramaticais, por audição e abstração. (...) No uso de um gênero, pois, não se trata de saber se o autor agia consciente ou inconscientemente, mas quais modelos e convenções ele aprendeu e era capaz de reproduzir. Do ponto de vista histórico, isso significa que perguntamos pelas instituições de formação e pela educação no mundo em que surgiram os escritos do Novo Testamento.

2. Gêneros têm sua história. (...) novos gêneros nascem da combinação de diversos princípios de organização de gêneros já existentes, e mesmo pela ligação de elementos opostos. Não se deve contar, porém, com uma evolução contínua dentro da história dos gêneros”.

Essa observação precisa de Berger não pode, porém, ser confundida com a leitura pós-moderna de relativismo e não intencionalidade material de escritores em seus textos, afinal, textos têm intencionalidade histórica. O que a citação acima quer deixar explícito é a vinculação dos escritos neotestamentários, Gálatas no particular, com seu ambiente originário (logo, situação vivencial, que envolve toda imersão cultural a que remetente e destinatários se encontravam), pois seu autor estava com os pés no chão e seus leitores viviam no mesmo ambiente cultural e social que cristãos, judeus e pagãos viviam.

Assim, para perceber essa realidade do texto escrito no século I é preciso observar cinco critérios: (a) reconstrução de questões concretas às quais um texto poderia dar uma resposta; (b) vários gêneros podem reagir à mesma situação, e um só gênero pode ser uma reação a várias situações; (c) o autor que transmite uma tradição mais antiga provavelmente terá um interesse atual ligado a isso; (d)

¹⁴¹ BERGER, 1998, p.25-26.

reconstrução do grupo social, a cujo interesse a formulação do texto corresponde ou se opõe; (e) alguns gêneros predominam em determinadas fases e regiões da história do cristianismo primitivo (BERGER, 1998, p.25-26).

Assim, diante desses critérios,

“a pergunta pela situação típica na história do cristianismo primitivo vem, pois, substituir aquela mais antiga pela “situação real” (*sitz im Leben*), porque essa só pôde ser respondida com uma referência à liturgia ou à pregação” (BERGER, 1998, p.26).

Dessa forma, os dados discutidos no item acima a respeito do gênero literário da perícopes dão conta de explicar sua classificação, do ponto de vista do gênero. Mas, esse texto entende que pode ir além dessa simples definição rumando em direção à determinação do lugar de vida (*sitz im Leben*) enquanto situação sociocultural ou literária do gênero literário da perícopes. Assim, partindo da definição do gênero menor dicânico¹⁴², onde a apologia e acusação se combinam formando um terceiro gênero menor, ou seja, a repreensão, em consonância com NANOS, 2002, determina-se o lugar de vida da perícopes como sendo o da repreensão irônica.

Essa repreensão irônica congela a cena, deixando claro as questões, sem dúvida alguma e esquematizando, para sempre, a resposta apropriada para a situação (NANOS, 2002, p.1). Através do emprego da ironia na superfície do texto e por debaixo dele há a subversão do significado. Somente pela presença da repreensão irônica, onde dois usos da linguagem entram em conflito, o significado do texto emerge (NANOS, 2002, p.60-61).

(iv) associação do gênero literário, *sitz im Leben* e conteúdo do texto com sua intenção.

A intenção da perícopes em questão se dá em torno da discussão entre Paulo e seus destinatários sobre a vinculação dos gálatas a um grupo (segmento 1b: τίς) que, supostamente, os enfeitiçou (segmento 1b: ἐβέσκανεν) e o evangelho pregado por Paulo. Lendo a carta de Paulo como repreensão irônica afeta

¹⁴² Do grego *dikanikós* (o que faz parte de um processo), são textos que tentam levar o leitor a tomar partido e decidirem-se por uma coisa ou outra. A finalidade é levar o leitor, por argumentação ou sugestão, a uma decisão em uma causa disputada. Trata-se de um “sim” ou “não” em um assunto polêmico; trata-se de divisão e decisão; daí a estrutura da argumentação na base do “não isto, mas aquilo”. (BERGER, 1998, p.21).

profundamente a interpretação, re-abrindo a questão de identidade estabelecida entre os destinatários e “influenciadores”, bem como sua identificação (NANOS, 2002, p.6).

Assim, os modelos literários, bem como o gênero, empregados na carta, no geral, bem como na perícopes, no particular, ajudam a iluminar o contexto e a forma sobre a qual se deu a atuação de Paulo e sua argumentação.

2.5.

Crítica da redação e da composição

De acordo com boa parte dos manuais de exegese, esse passo, quando se trata de textos paulinos autênticos, poucos problemas são encontrados. Poucos problemas não significam, porém, que o texto em si não apresente conflitos difíceis de determinar e/ou opções teóricas que precisam ser feitas, significam, dessa maneira, que o processo redacional, de composição e de transmissão foram relativamente fáceis de observar e acompanhar ao longo da história¹⁴³.

O que interessa, portanto, para essa discussão, à luz do consenso mencionado acima é perceber elementos de autoria, época de composição, destinatários, assunto, e contexto literário da perícopes. Observados esses aspectos, será possível, com mais clareza, determinar as questões que subjazem ao texto como um todo e à perícopes em estudo, em particular¹⁴⁴.

2.5.1. autoria

¹⁴³ Muito embora este texto tenha feito a opção por não descrever analiticamente a etapa exegética que estuda a transmissão do texto, por argumentos já mencionados na nota 93 deste capítulo, uma observação de CALLAN, 2007, p.497 merece aqui menção como única possibilidade de haver implicações histórico-transmissivas. Segundo o autor do comentário formal à carta, os termos presentes em Gl 2,14 (Ἰουδαϊκῶς e ἰουδαΐζειν), 6,3 (φρεναπατῆ) e 6,12 (εὐπροσωπήσαι) foram, raramente, usados antes de Paulo ter escrito a carta. Isso demandaria uma investigação maior (o que fugiria ao escopo deste texto) quanto a origem desses termos e o emprego por parte de Paulo, o que, de certa forma, também traria implicações de ordem histórico-traditiva, mas que, com segurança, não se constituem como evidências suficientes para uma alteração ou questionamento quanto aos dados redacionais que serão apresentados nesse seção quanto autoria, datação ou destinatários da carta.

¹⁴⁴ A partir dos tópicos elencados, este trabalho se servirá, abundantemente (como ponto de partida, ora se aproximando intensamente dele, ora se afastando, ao agregar novos elementos), da excelente pesquisa monográfica de conclusão de curso (não publicada, mas disponível na biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, IFCS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ) de MIRANDA, Bianca. **Os Celtas da Galácia e a carta de Paulo: interações culturais nos primeiros séculos da era comum**. Rio de Janeiro, 2010. 50p. Sob orientação de André Leonardo Chevitaresh.

É com muita segurança que os comentaristas exegéticos a Gálatas estabelecem a autoria paulina dessa carta. Lagrange (LAGRANGE, 1950, p.LXXIX) dedica um capítulo de sua obra para a discussão de temas como autenticidade e crítica retórica, porém, Neil (NEIL, 1967, p.1-3, *passim*) não se empenha no mesmo esforço.

Um forte indício para alguns outros estudiosos¹⁴⁵, sobre a autoria da carta, está presente no desfecho do escrito: “Vede com que letras grandes eu vos escrevo, de próprio punho.” (BJ, 2002, Gl 6,11). Esse indício parece ser tão contundente que não há quem sequer se ocupe de discutir esse tema, simplesmente se menciona a autoria paulina (casos de KÜMMEL, 1982, p.395; SCHLIER, 1975; NEIL, 1967; MARTYN, 1997; BARBAGLIO, 1991; SCHNEIDER, 1967, 1980).

De um intenso percurso bibliográfico em busca dessa questão, Betz é o que parece ir mais a fundo na temática. O autor alemão não questiona a autoria e, ainda, afirma que, mesmo com um amanuense em seu auxílio, Paulo deixa transparecer seu estilo literário (comparativamente com outras cartas) com base nos estudos das formas presente no trabalho de Betz e confirmado aqui, no caso dessa perícopes, pela mesma investigação literária (BETZ, 1979, p.40).

De maneira mais sutil, outros autores percebem a redação paulina em Gálatas, pois esta é “dotada de alto nível dramático e emocional” (MARTYN, 1997, p.13,19), além do que Paulo teria ditado grande parte da carta e, em dado momento do discurso, Gl 6,11, tomou em suas mãos o texto e, de fato, escrito “de próprio punho” (LUHRMANN, 1992, p.1).

O que convém mencionar aqui, do ponto de vista da autoria, é um importante dado sobre Paulo, autor de Gálatas: trata-se de um judeu. Essa afirmação parece óbvia, mas não é raro observar, nas entrelinhas de comentários bíblicos e nos discursos eclesiais em alto e bom som que, quando se fala de Paulo, para que se está falando de alguém de fora do judaísmo, que “fundou” uma nova religião.

¹⁴⁵ Casos de VIARD, 1964, p.9; LUHRMANN, 1992, p.1; BETZ, 1979, p.1; SCHWEITZER, 2006, p.71; GIAVINI, 1987, p.9; WILLIAMS, 1997, p.31.

Retirar Paulo do judaísmo de sua época e concebê-lo como um cristão é um anacronismo (não intencional, é verdade), mas que marca uma identidade não judaica para o autor. A construção do “retrato” de Paulo fora do judaísmo ou como um fundador de uma nova religião distorce o lugar de fala do apóstolo e planta a intolerância entre grupos religiosos.

Paulo, de fato, era um “homem judeu observante da Torá” (NANOS(b), 2002, p.2). Como suporte para esse argumento é possível citar, por exemplo, Gl 5,3, onde Paulo adverte aos gálatas que, caso se tornem prosélitos, teriam que observar toda a Torá. Mais ainda, caso os destinatários não o concebessem como um judeu observante da Torá, a aproximação retórica de Paulo em sua carta não teria muito futuro.

A resposta que poderiam dar a Paulo seria: “nós simplesmente queremos o que você conseguiu, Paulo: as vantagens de uma identidade ambígua inequívoca (judeu e cristão) como membros circuncisos da comunidade de justos, mas sem qualquer preocupação em observar a Torá, como se fosse importante para nós, por que nós, como você, somos crentes em Cristo.” (NANOS(b), 2002, p.3; p.284-316).

2.5.2. época

Para a datação, esse passo de crítica da redação é fundamental quando se busca, no interior do escrito, elementos externos, como menção a outras fontes literárias, eventos históricos facilmente datados ou quaisquer outras pistas que trariam elementos para tal datação mais precisa. Porém, não é esse o caso de Gálatas (BETZ, 1979, p.9.11).

A escassez de fontes para tal operação (BARBAGLIO, 1991, p.11) direciona os estudiosos para a busca de referência presentes, principalmente, em Atos dos Apóstolos¹⁴⁶. Dessa forma, alguns autores (SCHLIER, 1974, p.19-30; BARBAGLIO, 1991, p.11-32) posicionam a carta entre os eventos da vida de

¹⁴⁶ A utilização, porém, de Atos é uma questão controversa, dada a natureza desse escrito, uma vez que o livro é elaborado a partir de preocupações teológicas da comunidade à qual se dirige, não se propondo a um registro acurado da realidade, além de se distanciar cronologicamente dos fatos que descreve (CROSSAN E REED, 2007, p.212; BARBAGLIO, 1991, p.11; LUHRMANN, 1992, p.3; LAGRANGE, 1950, p.XVI).

Paulo, enquanto que Martyn (MARTYN, 1997, p.19) não considera a data precisa como fundamental, mas sim a presença de tal escrito em meio à evolução as obras paulinas.

A questão segue controversa, porém, Kümmel afirma que as cartas e pregações paulinas seriam datadas por volta dos anos 54 ou 55 e.c. (KÜMMEL, 1982, p.394). Mas, segundo essa datação, o autor de Atos certamente desconhecia as cartas paulinas e, por isso, não teria acesso às informações que dispunha, ao menos não de forma direta (LAGRANGE, 1950, p.XVI). Isso demonstra que este método para datação, por si só, tem seus empecilhos.

Adotando outro referencial, Viard (VIARD, 1964, p.-1-12) entende que a enumeração das epístolas atribuídas a Paulo, em uma seqüência cronológica e seguinte posicionamento de Gálatas, tendo em vista a evolução de seu pensamento, conferiria uma datação mais precisa. Parece, também, ser esse o referencial que Cothenet adota, pois situa Gálatas como muito semelhante, em assunto, a Romanos e o auge da crise contra os judaizantes. Por esse motivo, situa a epístola de Gálatas em torno do ano 57, em Éfeso (COTHENET, 1985, p.13).

De semelhante procedimento, Schweitzer observa a semelhança com Romanos e a situa na segunda metade dos anos 50 do século I e.c. (SCHWEITZER, 2006, p.78). Porém, ninguém parece ser mais pretensamente preciso que Murphy O'Connor quando menciona o verão de 52 e.c. como a data em que Paulo estaria na Galácia e, os opositores do apóstolo, a quem são destinadas as críticas e acusações contidas no texto, teriam chegado a esta comunidade em setembro e, em seguida, na primavera de 53 Paulo receberia as notícias sobre a situação das comunidades da Galácia que o moveriam a redigir sua carta. (MURPHY-O'CONNOR, 1996, p.193-194).

O autor francês Lagrange, 1950 promove uma discussão bastante detalhada em torno do uso de fontes antigas para a datação do escrito. Na leitura que faz dos textos patrísticos, observa que não houve interesse em discutir esse tema, exceto por Marcião, que entendia que Gálatas teria sido uma das de primeira composição em Éfeso. E não esgota a discussão por aí, atribui a Eusébio de

Emese e Teodorico a primeira divergência quanto a elaboração e local de produção da carta, pois, segundo eles, Paulo estaria cativo em Roma.

Lagrange é cuidadoso em fornecer a fonte que dá suporte para tal especulação, ao mencionar os manuscritos siríacos B^{corr} e KL onde a carta teria uma anotação final retida pelas duas versões siríacas e pela versão memphítica¹⁴⁷. O que se lê nesses manuscritos, em grego, “de Roma”, sustentaria as teorias de que Paulo estaria preso no momento que escreveu a carta, pois se não estivesse, teria voltado à comunidade e dito sua mensagem pessoalmente.

Após discutir as questões em torno da datação, Lagrange se posiciona afirmando que o texto seria posterior a segunda visita paulina à comunidade e anterior à carta aos Romanos. Assim, teria sido escrita em Corinto durante o inverno de 56 e.c. ou mais tarde em 57 (LAGRANGE, 1950, p.XXVII, XXVIII).

Por fim, mas não menos importante, há quem desconsidere a datação como evento fundamental do estudo da carta. Mesmo que Giavini faça uma estimativa para a datação da carta entre os anos 55-57, tendo como referencial o concílio de Jerusalém, ao qual a passagem de Gl 2 faria alusão, o autor entende que nada que não comprometa a compreensão “global” da carta é de seu interesse (GIAVINI, 1987, p.10).

Também Mark Nanos, um dos autores mais aclamados atualmente pela pesquisa relativa à epístola aos Gálatas, menciona que isto não faz parte de seu foco de interesse, por isso não estipula uma datação, nem debate a autoria da carta (NANOS, 2002, p.75-85 *passim*).

Diante do exposto, é seguro observar que a carta teve sua redação na segunda metade do século I e.c. e, tendo em vista as observações acima, sobre a crítica da forma, teve leitores acostumados ao estilo asiático de escrita, porém, para o caso da análise da perícopes 3,1-5, faz-se secundário esse dado para o estudo global deste presente estudo.

¹⁴⁷ As versões críticas do NT grego da UBS não mencionam estes manuscritos. Burton denomina o manuscrito B como *Codex Vaticanus* do IV séc, disponível na Biblioteca do Vaticano em Roma; O manuscrito K como *Codex Mosquensis* do IX séc. em Moscou, e o manuscrito L como *Codex Angelicus* também do IX séc. na Biblioteca Angélica em Roma (BURTON, 2004, p.LXXV, LXXXVII).

2.5.3. Destinatários

“Às igrejas da Gálacia”, verso 2 do primeiro capítulo (ταῖς ἐκκλησίαις τῆς Γαλατίας) é o endereçamento que Paulo confere a seu escrito. Porém, esse destino não é simples de determinar como parece. Para a análise a respeito dos destinatários da carta, convém observar dois critérios básicos, dentre os quais, os comentaristas bíblicos se situam e indicam como fundamental para a determinação dos destinatários: (i) teoria norte/sul – argumento geográfico; (ii) origem pagã/céltica – argumento étnico¹⁴⁸.

Esses critérios estão imbricados nas análises dos comentaristas, assim, Neil, 1967, indica que as igrejas fundadas poderiam estar na parte norte (ascendência celta) da província ou nas partes norte e sul (além de celtas, população da Licaônia e Psídia). Assim, o autor inglês entende que, caso a população da região fosse “mista”, traria implicações para a datação, sendo esta determinada antes do Concílio de Jerusalém (49 e.c.), porém sua tese é que Paulo se dirigia somente aos do norte (NEIL, 1967, p.13-15).

A teoria de que Paulo se dirigia somente aos nortistas, ganha fôlego para Martyn, que contabiliza estas igrejas como duas ou três localizadas nas cidades helenizadas de Ankyra, Pessinus e talvez Tavium, e entende “Gálatas” como um termo simultaneamente geográfico e étnico por meio do qual Paulo se dirigia não somente à província, mas especificamente à região norte (MARTYN, 1997, p.16).

Partidário da teoria nortista de destinação da carta Schlier vai mais além dos demais ao apontar o testemunho de autores da época e de moedas como indícios de que os destinatários se tratavam de celtas helenizados sob dominação de Pérgamo e de Roma (SCHLIER, 1975, p.20).

De igual modo, Cothenet defende a mesma teoria dos povos do norte. Desta maneira, os nortistas teriam sido povos formados por pagãos celtas vindos da Europa e que se uniram à população indígena, unindo os deuses locais ao seu panteão. A crítica que faz à teoria do sul é que esta se trataria de uma tentativa de

¹⁴⁸ Este texto acompanha a tese defendida por MIRANDA, 2010, que desvincula a atribuição céltica aos destinatários. Assim, mesmo quando mencionado, na bibliografia especializada, a vinculação céltica dos destinatários de Paulo como a correta, este trabalho opta apenas por entender que houve, sim, uma ascendência celta na região para quem Paulo se destina, porém, conforme MIRANDA, 2010, deixa claro, a presença celta na região deixou de ser marco de identidade antes do ano I da era comum.

harmonização entre o livro de Atos e a Epístola de Paulo aos Gálatas (COTHENET, 1985, p.10), o que parece correta.

O argumento lingüístico de Jerônimo, segundo o qual os povos da Gália e da Galácia teriam um passado comum por conta do uso de línguas similares é usado por Schneider, em nota, para demonstração de que os Galátas haviam sido celtas (SCHNEIDER, 1980, p.5), mas não busca uma demonstração consistente de tal tese.

Nanos estabelece uma ligação entre Eclésia e Sinagoga, afirmando que Paulo se dirigia a subgrupos de sinagogas ou igrejas em casas. A população seria formada então por “gentios corretos”, ou seja, tementes a Deus, o que remeteria a interações entre judeus e os pagãos num princípio anterior a Paulo¹⁴⁹. (NANOS, 2002a, p. 75-85 *passim*).

Barbaglio defende que os destinatários da carta eram pagãos e que “concretamente, a religião deles consistia na adoração das forças da natureza” (BARBAGLIO, 1991, p. 12) sua interpretação se dá a partir da passagem de Gl 4,9. Para corroborar essa tese sobre o paganismo das comunidades, Shneider afirma que o retorno à lei judaica e a um calendário religioso seria um retorno ao paganismo (SHNEIDER, 1967, p.9).

Mas, segundo Luhrmann, o problema central da carta seria o retorno à lei mosaica, o que seria sinônimo de idolatria e bruxaria (LUHRMANN, 1992, p.3). Luhrmann também não considera esta “tradição celta” importante porque, segundo ele, as tribos teriam sido expulsas do território em questão séculos antes da chegada de Paulo, e, portanto, não haveria mais celtas na região (LUHRMANN, 1992, p.2).

¹⁴⁹ Esse argumento de vinculação entre Eclésia e Sinagoga, para contexto de século I, na Ásia Menor, encontra consistente apoio na obra de LEVINE, 2005, p.113-120.127.304-305 e em outras partes com assuntos diferentes. Em NANOS, 2002, p. 75 essa vinculação é citada, também na p. 329. É de demasiada importância essa discussão, pois sublinha a característica dessas comunidades judaicas da Diáspora e, também cristãs, uma vez que Levine, por meio de vestígios arqueológicos não encontra nenhuma evidência de grandes sinagogas ou espaços ampliados de presença ritual judaica, nem cristã, a natureza dessas interações entre judeus e cristãos, provavelmente se dão no seio de comunidades judaicas e, de acordo com Nanos, essa “separação” só se daria posteriormente ao conflito estabelecido em Gálatas. Porém, a existência, ou não, de casas ou locais denominados eclessias para as quais Paulo tenha se dirigido deve ser motivo de posterior investigação.

Outras questões relevantes nessa busca foram enunciadas por Betz, ou seja: (i) que igrejas eram estas; (ii) de que forma mantinham contato, se é que mantinham, e (iii) que tipo de pessoas faziam parte delas. E, ao fim, sentencia: as Igrejas estariam ligadas de alguma forma impossível de ser recuperada pelos leitores atuais (BETZ, 1979).

Para além dessa impossibilidade de recuperação histórica apontada pelo autor alemão é que, a partir da forma da carta, ou seja, de sua construção retórica e teológica sofisticada, a mesma seria destinada a uma parte da população educada, portadora de meios financeiros e interessada na discussão sobre emancipação política, social e religiosa já que estava diretamente afetada pelas limitações do sistema em vigor (BETZ 1979, p. 3).

Murphy O'Connor defende uma tese mais heterodoxa quando aponta, como destinatários, as populações flutuantes que visitariam a região por conta de se tratar de uma rota comercial importante entre o Oriente e Ocidente, o que pode ser comprovado pela existência e construção de estradas nos períodos helenístico e romano (MURPHY O'CONNOR, 2004, p. 200).

2.5.4. assunto, propósito e contexto literário da perícope

O contexto da perícope, do ponto de vista do assunto, propósito e contexto literário está diretamente relacionado ao seu horizonte mais amplo de interpretação, ou seja, toda a carta. Porém, aqui, convém enumerar aspectos relevantes no que diz respeito à perícope e, quando necessário, relacioná-lo com seu contexto mais amplo. A pergunta fundamental desta seção a ser respondida é a respeito do conflito em torno dos acontecimentos na comunidade gálata e o diálogo de Paulo.

Assim, importa discorrer sobre o que estava se passando, quem eram os atores em questão e que tipo de diálogo se estabelece a partir do texto da perícope para se buscar um entendimento do conflito¹⁵⁰.

¹⁵⁰ As reflexões aqui apontadas seguem de perto aquelas propostas por NANOS, 2002(b), do ponto de vista da concordância deste texto com os pressupostos e conclusões desse autor. Porém, dados de outros textos, bem como reflexões pessoais, comparecem nessa discussão a seguir.

A visão consensual para identificar contra quem Paulo está argumentando, segundo o padrão adotado pelos diversos comentaristas¹⁵¹, gira em torno de quatro categorias: (a) judeus; (b) crentes em Jesus; (c) grupos ou pessoas orientadas pela liderança de Jerusalém sobre como crer em Cristo; (d) outros missionários que chegaram à região para contrapor a mensagem de Paulo, portanto *outsiders*.

A consistência que fundamenta essas quatro categorias é amplamente discutida por Nanos (2002(b), p.110-192) que chega à duas conclusões, e este trabalho quer concordar com essa tese, que (i) se o conflito é percebido como uma celeuma intra- ou inter- cristã, Gálatas deveria ser lido como um ataque de Paulo ao “judaísmo cristão” pelo equívoco de impor ao ideal de liberdade em Cristo o peso da Lei de Moisés (chama-se isso de *Paulinismo*);

E, por consequência da revisão dessa tese consensual, entre os comentaristas bíblicos, (ii) o problema de identidade na comunidade gálata não gira em torno de uma disputa entre observantes da Torá *versus* supostos grupos de crença em Cristo derivado do cristianismo paulino livre da Lei, ou seja, um confronto entre Judaísmo e Cristianismo, um conflito datado de épocas bem posteriores (após o Concílio de Nicéia, por exemplo, discutido na primeira seção do terceiro capítulo deste texto).

Antes, esse conflito é o resultado de uma disputa entre comunidades nos termos inter- e intra- judaicas, com respeito à legitimidade do *status* reivindicado sobre o significado de Jesus Cristo para os membros da comunidade gálata. Pois, as boas novas de Cristo reivindicam um desafio a interpretação tradicional que limita a identidade dos justos aos israelitas e, desta maneira, a inclusão de representantes de outras nações apenas pelo ritual prosélito de circuncisão.

A situação torna-se complexa, pois, mesmo se tratando de judeus, ou seja, uma disputa dentro do judaísmo, os membros das comunidades judaicas (com quem Paulo dialoga na carta, ou seja, aqueles por trás do τῆς em Gl.3,1) lidam com a questão de conduzir gentios ao rito de proselitismo, mas se deparam com a reivindicação dos mesmos de não serem mais apenas convidados, mas membros da comunidade de justos, através de Jesus.

A carta, endereçada a esses que reivindicam a entrada na comunidade de justos, menciona ἑκκλησίαις - que implica em vários grupos se encontrando em

¹⁵¹ Ver referências no capítulo primeiro deste trabalho aos comentários bíblicos em uso.

várias cidades ou vilarejos – que são grupos sofrendo com a marginalização que, por meio da mensagem de Jesus, por intermédio de Paulo, já se consideravam membros do Judaísmo, mesmo não tendo completado o rito do proselitismo.

Com isso, a pregação dos grupos majoritários das comunidades judaicas “legítimas” (aqueles por trás do τὸς em Gl.3,1), de algum modo, tentavam e conseguiam convencer os demais membros, via crença em Jesus, que o rito de proselitismo não contradizia a mensagem de Paulo. A surpresa de Paulo (Gl. 1 e 3,1) se dá justamente pela aparente aceitação por parte de seus destinatários que buscavam aplacar os efeitos da marginalização de que eram vítimas.

Assim, o conflito se desenha a partir de legitimação de autoridade entre Paulo e os “influenciadores” dos gálatas. Como o conflito é intra judaico, em outras palavras, a celeuma se dá a partir da diferença entre, de um lado, os grupos judaicos que acreditavam em Jesus e, por isso, se tornava “judeus completos¹⁵²” e, de outro lado, grupos judaicos que não partilhavam das mesmas convicções sobre o significado de Jesus.

E vai mais além, a posição que Paulo toma no debate é (i) um judeu crente em Jesus; e, (ii) definição de identidade no Judaísmo como um todo onde todos são iguais perante Cristo. Esses dois elementos posicionam Paulo como um reformador do Judaísmo, a partir de Jesus, ao invés de um opositor. O que importa desse conflito, que é explicitamente, mencionado na perícopes é a acusação e contra acusação de Paulo e grupos judaicos de enfeitiçar a comunidade gálata. As implicações dessa acusação e uso de um vocabulário marcadamente mágico, serão retomadas na última seção do capítulo terceiro, após, obviamente, da situação do que se entende por essa acusação de feitiçaria

¹⁵² Termo advindo do judaísmo messiânico.